

PARA OS “INDICIOS DE OIRO”

POEMAS DE

MARIO DE SÁ-CARNEIRO



TACITURNO

Ha Ouro marchetado em mim, a pedras raras,  
Ouro sinistro em sons de bronzes medievais —  
Joia profunda a minha Alma a luzes caras,  
Cibório triangular de ritos infernais.

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,  
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.  
Toda uma estirpe rial de herois d'Outras bravuras  
Em mim se despojou dos seus braços e presas.

Heraldicas - luar sobre ímpetos de rubro,  
Humilhações a liz, desforços de brocado;  
Bazilicas de tédio, arnezes de crispado,  
Insignias de Ilusão, troféus de jaspe e Outubro...



A ponte levadiça e baça de Eu-ter-sido  
Enferrujou — embalde a tentarão descer...  
Sobre fossos de Vago, ameias de inda-querer —  
Manhãs de armas ainda em arraiais de olvido...

Percorro-me em salões sem janelas nem portas,  
Longas salas de trôno a espessas densidades,  
Onde os pânos de Arrás são esgarçadas saudades,  
E os divans, em redór, ansias lassas, absortas...

Ha rôxos fins de Imperio em meu renunciar —  
Caprichos de setim do meu desdem Astral...  
Ha exéquias de herois na minha dôr feudal —  
E os meus remorsos são terraços sobre o Mar...

*Paris — Agosto de 1914*

SALOMÉ

Insónia rôxa. A luz a virgular-se em mêdo,  
Luz morta de luar, mais Alma do que a lua...  
Ela dança, ela range. A carne, alcool de nua,  
Alastra-se pra mim num espasmo de segrêdo...

Tudo é capricho ao seu redór, em sombras fátuas...  
O arôma endoideceu, upou-se em côr, quebrou...  
Tenho frio... Alabastro!... A minh'Alma parou...  
E o seu corpo resvala a projectar estátuas...

Ela chama-me em Iris. Nimba-se a perder-me,  
Golfa-me os seios nus, ecôa-me em quebranto...  
Timbres, elmos, punhais... A doida quer morrer-me:

Mordoura-se a chorar — ha sexos no seu pranto...  
Ergo-me em som, oscilo, e parto, e vou arder-me  
Na bôca imperial que humanizou um Santo...

*Lisboa 1913 — Novembro 3*

CERTA VOZ NA NOITE, RUIVAMENTE...

Esquivo sortilégio o dessa voz, opiada  
Em sons côr de amaranto, ás noites de incerteza,  
Que eu lembro não sei d'Onde — a voz duma Princesa  
Bailando meia nua entre clarões de espada.

Leonina, ela arremessa a carne arroxeadá;  
E bêbada de Si, arfante de Beleza,  
Acera os seios nus, descobre o sexo... Reza  
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...

Entanto nunca a vi, mesmo em visão. Sómente  
A sua voz a fulcra ao meu lembrar-me. Assim  
Não lhe desejo a carne — a carne inexistente...

E' só de voz-em-cio a bailadeira astral —  
E nessa voz-Estátua, ah! nessa voz-total,  
E' que eu sonho esvaír-me em vícios de marfim...

*Lisboa 1914 — Janeiro 31*

NOSSA SENHORA DE PARIS

Listas de som avançam para mim a fustigar-me  
Em luz.  
Todo a vibrar, quero fugir.. Onde acoitar-me?...  
Os braços duma cruz  
Anseiam-se-me, e eu fujo tambem ao luar...

Um cheiro a maresia  
Vem-me refrescar,  
Longinqua melodia  
Toda saudosa a Mar...  
Mirtos e tamarindos  
Odoram a lonjura;  
Resvalam sonhos lindos...  
Mas o Oiro não perdura,  
E a noite cresce agora a desabar catedrais...  
Fico sepulto sob círios —  
Escureço-me em delirios,  
Mas ressurjo de Ideais...

— Os meus sentidos a escoarem-se...  
Altars e vélas...  
Orgulho... Estrelas...  
Vitrais! Vitrais!

Flores de liz...

Manchas de côr a ogivarem-se...  
As grandes naves a sagrarem-se...  
— Nossa Senhora de Paris!...

*Paris 1913 — Junho 15*

Esta inconstancia de mim próprio em vibração  
 E' que me ha de transpôr ás zonas intermédias,  
 E seguirei entre cristais de inquietação,  
 A retinir, a ondular... Soltas as rédeas,  
 Meus sonhos, leões de fôgo e pasmo domados a tirar  
 A tôrre d'ouro que era o carro da minh'Alma,  
 Transviarão pelo deserto, muribundos de Luar —  
 E eu só me lembrarei num baloiçar de palma...  
 Nos oásis, depois, hão de se abismar gumes,  
 A atmosfera ha de ser outra, noutros planos:  
 As rãs hão de coáxar-me em roucos tons humanos  
 Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...

\*

Ha sempre um grande Arco ao fundo dos meus olhos...  
 A cada passo a minha alma é outra cruz,  
 E o meu coração gira: é uma roda de côres...  
 Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...  
 Já não é o meu rastro o rastro d'oiro que ainda sigo...  
 Resvalo em pontes de gelatina e de bolôres...  
 Hoje, a luz para mim é sempre meia-luz...

.....  
 .....

As mesas do Café endoideceram feitas ar...  
 Caiu-me agora um braço... Olha, lá vai êle a valsar  
 Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...

(Subo por mim acima como por uma escada de corda,  
 E a minha Ansia é um trapézio escangalhado...).

Lisboa — Maio de 1914

DISTANTE MELODIA...

Num sonho d'Iris, morto a ouro e brasa,  
Vem-me lembranças doutro Tempo azul  
Que me oscilava entre véus de tule —  
Um tempo esguio e leve, um tempo-Asa.

Então os meus sentidos eram côres,  
Nasciam num jardim as minhas ansias,  
Havia na minh'alma Outras distancias —  
Distancias que o segui-las era flôres...

Caía Ouro se pensava Estrelas,  
O luar batia sobre o meu alhear-me...  
Noites-lagôas, como éreis belas  
Sob terraços-liz de recordar-me!...

Idade acorde d'Inter sonho e Lua,  
Onde as horas corriam sempre jade,  
Onde a neblina era uma saudade,  
E a luz — anseios de Princesa nua...

Balaústres de som, arcos de Amar,  
Pontes de brilho, ogivas de perfume...  
Dominio inexprimível d'Ópio e lume  
Que nunca mais, em côr, hei de habitar...

Tapêtes doutras Persias mais Oriente...  
Cortinados de Chinas mais marfim...  
Aureos Templos de ritos de setim...  
Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panthéons de nostalgias...  
Catedrais de ser-Eu por sobre o mar...  
Escadas de honra, escadas só, ao ar...  
Novas Byzancios-alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... cinza de brocado...  
Irrealidade anil que em mim ondeia...  
— Ao meu redór eu sou Rei exilado,  
Vagabundo dum sonho de sereia...

VISLUMBRE

A horas flébeis, outonais —  
Por magoados fins de dia —  
A minha Alma é água fria  
Em ânforas d'Ouro... entre cristais...

*Camarate — Quinta da Vitória.  
Outubro de 1914.*

SUGESTÃO

As companheiras que não tive,  
Sinto-as chorar por mim, veladas,  
Ao pôr do sol, pelos jardins...  
Na sua mágoa azul revive  
A minha dôr de mãos finadas  
Sobre setins...

*Paris — Agosto de 1914*

7

Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio  
Que vai de mim para o Outro.

*Lisboa — Fevereiro de 1914*



ANGULO

Aonde irei neste sem-fim perdido,  
Neste mar ôco de certezas mortas? —  
Fingidas, afinal, todas as portas  
Que no dique julguei ter construído...

— Barcaças dos meus impetos tigrados,  
Que oceano vos dormiram de Segrêdo?  
Partiste-vos, transportes encantados,  
De embate, em alma ao rôxo, a que rochêdo?...

— O nau de festa, ó ruiva de aventura  
Onde, em Champanhe, a minha ansia ia,  
Quebraste-vos também ou, por ventura,  
Fundeaste a Ouro em portos d'alquímia?...

.....  
.....

Chegaram á baía os galeões  
Com as sete Princesas que morreram.  
Regatas de luar não se correram...  
As bandeiras velaram-se, orações...

Detive-me na ponte, debruçado,  
Mas a ponte era falsa — e derradeira.  
Segui no cais. O cais era abaulado,  
Cais fingido sem mar á sua beira...

— Por sôbre o que Eu não sou ha grandes pontes  
Que um outro, só metade, quer passar  
Em miragens de falsos horizontes —  
Um outro que eu não posso acorrentar...

*Barcelona — Setembro de 1914*

A INEGUALVEL

Ai, como eu te queria toda de violetas  
 E flébil de setim...  
 Teus dedos longos, de marfim,  
 Que os sombreassem joias pretas...

E tão febril e delicada  
 Que não podesses dar um passo —  
 Sonhando estrelas, transtornada,  
 Com estampas de côr no regaço...

Queria-te nua e friorenta,  
 Aconchegando-te em zibelinas —  
 Sonolenta,  
 Ruiva de éteres e morfina...

Ah! que as tuas nostalgias fôsem guisos de prata —  
 Teus frenesis, lantejoulas;  
 E os ócios em que estiolas,  
 Luar que se desbarata...

.....  
 .....

Teus beijos, queria-os de tule,  
 Transparecendo carmim —  
 Os teus espasmos, de sêda...

— Água fria e clara numa noite azul,  
 Água, devia ser o teu amor por mim...

Lisboa 1915 — Fevereiro 16

APOTEOSE

Mastros quebrados, singro num mar d'Ouro  
Dormindo fôgo, incerto, longemente...  
Tudo se me igualou num sonho rente,  
E em metade de mim hoje só móro...

São tristezas de bronze as que inda choro —  
Pilastras mortas, marmores ao Poente...  
Lagearam-se-me as ansias brancamente  
Por claustros falsos onde nunca óro...

Desci de mim. Dobrei o manto d'Astro,  
Quebrei a taça de cristal e espanto,  
Talhei em sombra o Ouro do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...  
Luar-ansia... Luz-perdão... Orquideas pranto...

.....  
— Ó pantanos de Mim — jardim estagnado...

*Paris 1914 — Junho 28*

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

